



Universidade de Brasília

**FACULDADE UnB PLANALTINA
CIÊNCIAS NATURAIS**

**Tornar-se mãe ao longo do curso de Ciências Naturais
na Universidade de Brasília**

AUTORA:

Fernanda de Jesus Souza

ORIENTADORA:

Jeane Cristina Gomes Rotta

Planaltina-DF
Dezembro de 2018



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

Tornar-se mãe ao longo do curso de Ciências Naturais na Universidade de Brasília

AUTORA:

Fernanda de Jesus Souza

ORIENTADORA:

Jeane Cristina Gomes Rotta

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciado do Curso de Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação do Profa. Dra. Jeane Cristina Gomes Rotta

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a todos àqueles que acreditam que a ousadia e o erro são caminhos para as grandes realizações.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por todas as oportunidades de vida que me trouxeram até aqui, bem como à Universidade de Brasília por ter me proporcionado diversos aprendizados ao longo da graduação, e aos docentes que influenciaram direta e indiretamente neste início da minha jornada profissional. Em especial a minha orientadora Jeane por acreditar em mim e aceitar o desafio de me orientar com toda a doçura do mundo e a Professora Juliana Caixeta por toda a ajuda, oportunidades e muito amor que me deu ao longo de todos estes anos que foram os melhores. Agradeço também banca examinadora que se dispôs a participar deste momento tão importante da minha vida acadêmica.

Gostaria de agradecer infinitamente minha família pois sem ela não teria chegado nem na porta dessa universidade, minha querida mãe Marluci que sempre batalhou para que não faltasse as coisas dentro de casa e para que pudéssemos estudar. Aos meus irmão e irmãs que também batalharam bastante desde a mais tenra idade trabalhando juntos nas feiras fazendo sol ou chuva com o sorriso no rosto, amo todos.

Não poderia deixar de agradecer meu companheiro Carlos por estar comigo desde o início da faculdade e por ter me apoiado e cuidado muito bem da nossa filha Louise, a quem agradeço por ter mudado minha vida, meu jeito de ver o mundo que aliás está muito melhor depois de sua chegada, te amo muito minha filha!

Agradecer também a minha amiga Jessica que sempre me dá força e aos meus amigos que conheci aqui Ana, Fabio, Kelvis e Lucas vocês fizeram não somente a universidade mais feliz e divertida mais também a minha casa. Com vocês minha vida se tornou muito melhor. Muito obrigada!!!

Tornar-se mãe ao longo do curso de Ciências Naturais na Universidade de Brasília

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo conhecer a realidade e as perspectivas em relação a vida acadêmica de mulheres que se tornaram mães ao longo do curso de Ciências Naturais na Universidade de Brasília. Para isso após revisão bibliográfica, foi aplicado um questionário semiestruturado que foi divulgado em redes sociais. Participaram da pesquisa 10 mulheres entre 22 e 33 anos com filhos de 0 até 12 anos de idade. As mães estudantes que participaram da pesquisa, relataram que a maior dificuldade enfrentada por elas, enquanto mães e estudantes universitárias, era a dificuldade na organização do tempo; seguida por não ter com quem deixar a criança. Com esta pesquisa é esperado que sejam criadas políticas públicas dentro das universidades afim de garantir o direito de jovens mães de terem qualificação profissional sem desamparar seus filhos.

Palavras-chave: Universidade; Maternidade; Vida Acadêmica.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a quantidade de mulheres ingressando nas universidades está cada vez maior. O censo do Ensino Superior de 2015 aponta que 55,2% dos alunos matriculados nas instituições de ensino superior e 61,4% dos concluintes são mulheres (BRASIL, 2015). Pesquisas atuais têm demonstrado que apesar das mulheres serem a maioria nas universidades, elas ainda são a minoria em outras áreas, assim como tem um avanço acadêmico mais lento quando comparadas aos homens (URPIA, SAMPAIO, 2009). Entretanto, segundo as autoras, esse fato não tem desobrigado as mulheres das tarefas domésticas e cuidados com os filhos e “Delimitar os motivos que levam a essa diferença de gênero é uma questão que vem desencadeando alguns esforços na pesquisa científica internacional, embora no Brasil, ainda sejam poucos os trabalhos em torno dessa temática” (p.31).

Apesar das discussões sobre as relações desiguais de gênero, as mulheres ainda são mais prejudicadas quando precisam conciliar a maternidade com a carreira (BITENCOURT, 2017). De acordo com a autora, toda a vez que são discutidos assuntos relacionados a criação dos filhos ou domésticos, as mulheres são primeiramente lembradas.

Menezes et al (2012) relatam que em nossa sociedade atual, a mãe tem um papel fundamental para o desenvolvimento físico e emocional do bebê. Portanto, para os autores, as mulheres acabam se sentindo culpadas quando não conseguem assumir esse perfil materno imposto pela sociedade. Pois as mulheres da atualidade buscam, além de desenvolver o papel da maternidade, também o profissional.

Pesquisas indicam que as universitárias acabam tendo prejuízos em sua vida acadêmica quando se tornam mães durante a graduação. Isso ocorre principalmente, por não terem com quem deixar seus filhos (MENEZES et al, 2012). Para Ribeiro (2016) faltam políticas públicas que amparem as mães universitárias.

Portanto, ao desenvolver essa pesquisa, busquei compreender como é essa realidade das mães universitárias do curso que frequento. O interesse pelo tema surgiu a partir do momento em que passei a ser pertencente a esse grupo e pude vivenciar situações a quais essas mulheres são protagonistas. Assim, a universidade tem garantido condições de estudos para que estudantes/mães possam conquistar o diploma? Como podemos assumir um lugar digno no mercado de trabalho e buscar uma carreira de sucesso sem desamparar nossos filhos?

Perante esse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo conhecer a realidade e as perspectivas em relação a vida acadêmica de mulheres que se tornaram mães ao longo do curso de Ciências Naturais na Universidade de Brasília.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Entre as perspectivas sociais que moldam quais papéis as mulheres devem desenvolver, encontra-se a de ser mãe (RIBEIRO, 2016). A autora relata que consideram que ser mãe é quase uma necessidade natural de cada mulher, e que existe uma espécie de protocolo a ser seguido, para ser mãe da maneira considerada adequada pela normativas sociais embasadas em uma cultura machista e religiosa que definem os papéis maternos e femininos no Brasil. Assim, segundo Fabbro (2006) existem múltiplas questões que implicam o ser mãe e que é necessário pensar a maternidade relacionando aspectos culturais e socioeconômicos.

“O imaginário que envolve a maternidade é tão fantasiado que conseqüentemente minimiza as dificuldades encontradas no processo de tornar-se mãe. Nesse contexto, acredita-se que a mulher nasce com o instinto materno, ama crianças e sonha em ser mãe, ignorando o desejo particular de formação e realização profissional da mesma. (SOUSA, 2017, p.2).

Bitencourt (2017) afirma que as mulheres vêm enfrentado dificuldades em investir na carreira profissional e assumido grande parte das responsabilidades vinculadas aos cuidados dos filhos. Pesquisas como a de Sampaio e Urpia (2011), Menezes et al (2008) e Bitencourt (2013) trazem relatos das principais dificuldades das estudantes/mães em conciliar a maternidade com a vida acadêmica. Entre elas a de conseguir administrar o seu do tempo, levando a estudante a optar por se matricular em menos disciplinas por semestre, levando a um atraso em sua formação. Outro fator conflitante é relacionado a quantidade de demandas acadêmicas como trabalhos, seminários

e provas, e a falta de flexibilidade para entregá-los. Somando a todos esses pontos, ainda é preciso considerar que é comum não ter onde ou com quem deixar a criança, resultando em faltas e um rendimento abaixo do esperado.

A formação familiar de cada mulher que é mãe e estudante influencia diretamente no grau de dificuldade que a mesma encontra em conciliar seus estudos com sua vida materna (Ribeiro, 2016, p.12). “Considerando a vida acadêmica exige tempo e dedicação, logo conciliar essa fase com os cuidados dos filhos pode ocasionar a construção de diversos dilemas para as universitárias em relação ao uso do tempo para lidar com suas escolhas.” (BITENCOURT, 2017 p.11).

Ribeiro (2016) em pesquisa realizada com alunas que são mães do curso de Serviço Social da UnB, relatou que as participantes afirmaram que a maternidade é um fator complicador para formação acadêmica. Uma das participantes revelou que estava ao ponto de ser jubilada nesse curso, devido ao fato de que ser mãe é sua prioridade. Falas como está nos mostram que a graduação fica em segundo plano para muitas dessas mulheres, mesmo que para elas um curso superior signifique ascensão social e melhores oportunidades de emprego; o que garantiria um futuro melhor para seus filhos.

Além de todas as dificuldades enfrentadas pelo fato de ser mãe e estudante universitária Bitencourt (2013) nos mostra outra questão que é pouco comentada, refere-se ao cuidado de si mesma que fica em segundo plano, nos âmbitos físico e psicológico. Na tentativa de compensar essas ausências maternas, encontramos mais um fator para a negligência com a própria saúde, pois é apenas depois dos filhos dormem que elas vão desenvolver as atividades da faculdade ou cuidar de si de alguma forma. Isso, muitas vezes, faz com que tempo de sono dessas mulheres seja reduzido, o que leva a uma predisposição para o desenvolvimento de patologias relacionadas ao esgotamento físico e mental (BITENCOURT, 2013).

Menezes et al (2012) relatam que no Brasil, as mulheres tiveram um acesso tardio a Universidade, entretanto, atualmente são a maior parte do público que ingressa no ensino superior atualmente no país e entre essas mulheres, muitas são mães. Entretanto, de acordo com os autores, a pouca ocorrência de creches universitárias no Brasil, quando comparada com as universidades americanas. Em contrapartida, na Europa há uma preocupação em amparar estudantes com responsabilidades familiares, para que possam ter os filhos que desejarem sem prejuízos para seus estudos ou carreira

“Vale destacar que, segundo dados do Censo 2000, realizado pelo IBGE, 8,81% das mulheres cursando o ensino superior, com idade entre 19 e 29 anos têm filhos na faixa etária de 0 a 4 anos 11. Significa dizer, portanto, que quase 10% das mulheres universitárias brasileiras nesta faixa são mães de crianças pequenas, e podem vir a demandar políticas públicas que lhes permitam permanecer no ambiente acadêmico e concluir seus estudos com melhores chances de entrar no mundo do trabalho.”(URPIA; SAMPAIO, 2009, p31)

Entretanto, de acordo com Bitencourt (2013 p.6) “A universidade nunca foi um lugar para crianças, pouco se discute sobre a necessidade de creches dentro do *campus* universitário para servidoras/es e alunas/os que têm filhos pequenos”. Muitas acadêmicas com filhos pequenos, reconhecem que o ambiente universitário não é adequado para as crianças, no entanto, muitas argumentam que devido a serem mães solteiras, por estarem amamentando, ou por não contarem com apoio familiar, acabam precisando levar seus filhos para a sala de aula.

Segundo Ribeiro (2016) a creche dentro da universidade surge com o intuito de solucionar essa questão, além de outros programas e benefícios que poderiam ser desenvolvidos para auxiliar os estudos das acadêmicas que são mães de crianças até 12 anos.

“Se não há creches públicas e gratuitas para essas mães na universidade, isso comprova que a estrutura não é adequável as necessidades da família brasileira, pois há ainda mulheres que desejam ter filhos, contudo a maternidade não deve e não pode ficar sobre sua total responsabilidade neste cenário de expressiva entrada das mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho”. (BITENCOURT, 2013 p.21).

No campus da Faculdade UnB de Planaltina, foi criado um projeto de extensão intitulado “Educação Infantil Ciranda”, com o objetivo de apoiar as mães que cursam a licenciatura em Educação do campo. De acordo com o esse documento elaborado por Santos, Medeiros e Wolff (2018) esse projeto tem como objetivo “oferecer um espaço educativo de cultura e formação, de cuidado e de recreação educativa para as/os filhas e filhos da/os estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), desenvolvido na Universidade de Brasília, UnB-Planaltina, durante as Etapas de Tempo Universidade” (s/n).

Embora a creche seja um apoio a estas mulheres, Urpia e Sampaio (2011) mostram que quando está presente na universidade e por qualquer motivo ela não funcione, surgem grandes problemas. Pois, em geral, as estudantes não têm o apoio familiar, e conta com a creche para poderem estudar. Muitas vezes, essa situação é desesperadora, pois não tendo com quem deixar seus filhos. Logo, é necessário a instalação de creches em universidades, mas deve ser pensado

uma estrutura adequada para atender às necessidades infantis, bem como, um quadro de funcionários qualificados.

Outro ponto destacado nas pesquisas sobre acadêmicas que se tornam mães, está relacionado ao período de licença maternidade dessas estudantes (SOUSA et al, 2017). De acordo com a lei 6.202, existente desde de 1975, as estudantes grávidas podem realizar provas e demais atividades acadêmicas em casa, a partir do oitavo mês de gestação. Além disso, a mãe também tem direito a três meses de dispensa, que pode ser estendido a partir de um atestado médico. Entretanto, de acordo com os autores “alguns professores deixavam de enviar as atividades necessárias para que elas obtivessem suas notas, deixando de cumprir a legislação sobre os direitos das estudantes que se tornam mães (p. 5).

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a qualitativa, pois buscamos compreender os sentimentos dessas mulheres participantes da pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) que foram identificadas como Participante 1, Participante 2 e assim sucessivamente. Como instrumento de pesquisa foi utilizado um questionário semiestruturado divulgado em redes sociais para dez alunas do curso de Ciências Naturais da Universidade de Brasília, campus de Planaltina, com filhos entre 0 a 12 anos.

Também participou da pesquisa a coordenadora do curso que foi entrevistada para esclarecer quais são as orientações para uma acadêmica com filhos pequenos. Todos os participantes tiveram acesso ao termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) inserido no questionário antes das perguntas da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente foi questionada qual a idade das acadêmicas que participaram da pesquisa e todas tem idades entre 22 e 33 anos, com média de 26 anos de idade. No que se refere à localidade de moradia delas, 100% das entrevistadas responderam que moram em Planaltina - DF, cidade a qual o campus universitário pertence. Acredita-se que a distância possa ser um fator que influencia o ingresso e a permanência na universidade, logo podemos concluir que morar na mesma cidade que o campus beneficia as estudantes que acabam não gastando o pouco tempo que tem disponível com longos trajetos. Pesquisa realizada por Mendes (2016) apontou que 53% dos alunos que cursam Ciências Naturais, relataram que morar na

proximidade do campus é um fator relevante na escolha do curso.

Quanto ao estado civil das entrevistadas 70% delas são casadas, 15% declararam união estável e 15% são mães solteiras. Em relação a quantidade de filhos 100% das entrevistadas até o momento tem apenas 1 filho, com idades que variam entre 9 meses e 5 anos.

Entre as acadêmicas mães que participaram da pesquisa, 54% já haviam conseguido concluir o curso e 46 % estavam próximas de se formarem. As participantes da pesquisa responderam que além de fazer a graduação em Ciências Naturais, 54% trabalhavam e duas desenvolviam trabalho voluntário.

Em relação a quem ficava com seus filhos para poderem ir a faculdade, 23 % alegaram que a criança ficava com o pai, 23% deixavam com a avó, 12 % ficava com a tia 12% em uma creche. Entre todas as participantes, apenas relatou ter levado a criança durante um tempo para a universidade até conseguir vaga em creche pública e 85 % alegaram ter levado o filho pelo menos uma vez. Desse total, 23% das participantes disseram ter sofrido algum tipo de preconceito por parte de outros alunos, funcionários e professores da universidade. Sousa et al (2017, p. 6) relatam que as estudantes argumentam que “o campus constrói muros invisíveis que às impedem de circular com as crianças”. Havendo, portanto, a necessidade da criação de programas de incentivo e apoio à essas estudantes.

As mães estudantes que participaram da pesquisa, relataram que a maior dificuldade enfrentada por elas, enquanto mães e estudantes universitárias, era a dificuldade na organização do tempo; seguida por não ter com quem deixar a criança.

“Dificuldade de conciliar o tempo de estudo com os cuidados para a criança.”
(Participante 1)

“Conseguir administrar o tempo faculdade e com os cuidados com os filhos, nem sempre a avó pode ficar com minha filha para ir na faculdade e fica quase impossível estudar em casa”
(Participante 2)

“Com relação ao tempo, horários. A vida acadêmica exige muito”
(Participante 3)

A maioria dos autores citados nessa pesquisa, relatam que as estudantes entrevistadas em possuem situação semelhantes as encontradas pelas alunas do curso de Ciências Naturais, e

consideram as dificuldades de conciliarem a maternidade com a vida acadêmica (MENEZES et al, 2008; SAMPAIO; URPIA 2011; BITENCOURT,2013).

Perguntamos se as estudantes que participaram da pesquisa recebiam algum auxílio/benefício ou programa da Universidade de Brasília, e, em caso afirmativo, quais. Foram listados todos os que se teve conhecimento através do site oficial da UnB, sendo eles: Auxílio Socioeconômico, Alimentação Estudantil, Moradia Estudantil, Acesso à Língua Estrangeira, Auxílio Emergencial, Bolsa Permanência e Vale-Livro. E concluímos que 38% das participantes não recebiam nenhum auxílio/benefício e uma participante recebia, mas foi cortado por ele exceder o tempo de permanência nos programas. Esse dado é preocupante, pois como vimos 46,2% das entrevistadas não trabalham o que nos leva a crer que dependem desses auxílios para se manter e manter seus filhos durante a graduação. Além desses auxílios/benefícios foi questionado se a UnB havia promovido ações que estimulassem e/ou facilitassem a sua permanência na universidade e apenas 1 participante disse que lhe foi concedido a licença maternidade que segundo a lei 6.202, estudantes grávidas podem realizar provas e atividades acadêmicas em casa a partir do oitavo mês de gestação. Esse tempo deve contar no currículo escolar, assim como as aulas em casa (SOUSA et al, 2017). Ou seja, não houve nenhuma ação, houve apenas o cumprimento de um direito já estabelecido pela legislação.

Considerações finais

Após análise dos resultados observou-se que ficou ausente na pesquisa as questões relativas sobre as propostas que essas jovens mães teriam para melhorar as condições gerais de estudo, e se elas acreditavam que a criação de espaços nos quais as crianças poderiam permanecer durante o período de aulas seria importante para sua formação acadêmica.

Nesse contexto, espera-se que com os dados destas pesquisas que evidenciam as necessidades dessas mulheres, sejam criadas políticas públicas dentro das universidades afim de garantir o direito de jovens mães de terem qualificação profissional sem desamparar seus filhos. Esperamos também outros trabalhos que visem o acolhimento das necessidades não somente de universitárias com responsabilidades maternas, mas também outras necessidades existentes dentro da universidade, para que tenhamos no futuro um lugar mais humano onde as pessoas se sintam acolhidas e consigam vencer essa etapa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITENCOURT S. M. Maternidade e Universidade: Desafios para a Construção de uma Igualdade de Gênero. 41º Encontro Anual da ANPOCS, 2017.

FABBRO, M. R. C. Mulher e trabalho: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade. Tese apresentada a Faculdade de Educação da UNICAMP, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MENDES, A. G. Importância da faculdade UnB de Planaltina a percepção dos graduandos de Ciências Naturais. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Naturais da Universidade de Brasília, 2016

MENEZES, R. D. S., SANTOS, T. S. D., VELOSO, N. D. O., FREITAS, V. N. D.; SANTOS, M. S. Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. *Construção Psicopedagógica*, 20 (21), 23-47, 2012.

RIBEIRO, F. G. Mães estudantes: desafios da maternidade e da permanência na Universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UnB. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília, 2016.

SANTOS, E. M. DOS; MEDEIROS, M. O. DE; WOLFF, E. Á. Educação Infantil Ciranda. Projeto de extensão da Universidade de Brasília, 2018.

SOUSA, A. M. S; SOUZA, C. DE J; NASCIMENTO, P. A. S. DOS; SILVA, Z. A; MELO, S. P. Maternidade e Educação – Desafios e Possibilidades de Acesso e Permanência na UFPI Campus Ministro Reis Velloso. In: Encontro Internacional de Jovens Pesquisadores, 2017, Fortaleza. Anais JOIN. Campina Grande: Realize Eventos, 2017. v. 1. p. 1-10.

URPIA, A. M. O; SAMPAIO, S. M. R. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, SMR., org. *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos*. Salvador: EDUFBA, 2011.

URPIA, A.M.de O.; SAMPAIO, S.M.R. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade – vida universitária. *Revista Recôncavos*, v.3, n.2, p.30-43, 2009.

Apêndice

Questionário

1. Idade:
2. Onde reside:
3. Estado civil:
4. Qual semestre na Universidade:
5. Além de ser estudante, também trabalha ou faz estágio
6. Recebe algum auxílio da UnB para se manter no curso. Em caso afirmativo, qual?
7. Quanto(s) filho(s) e qual a idade:
8. Onde ou com quem fica(m) seu(s) para poder estudar?
9. Você já precisou leva-lo para a Universidade?
10. Em caso afirmativo já sofreu preconceito por funcionários, professores ou seus colegas?
11. Quais são as maiores dificuldades que enfrenta na vida acadêmica, por serem mães de crianças até 12 anos de idade?
12. A UnB promoveu ações que facilitaram ou estimularam a permanência de mães estudantes na Universidade?
13. Quais tipos de programas ou benefícios a Universidade de Brasília poderia desenvolver para facilitar os estudos das alunas que são mães de crianças até 12 anos